

Protagonismo negro e psicologia para a pessoa enterreirada

Abrahão de Oliveira Santos¹

Resumo: Na bifurcação o guerreiro seguiu para o caminho da esquerda que o levava na mata ao quilombo e a zona de liberdade. A luta negra segue assim o caminho da ancestralidade. A psicologia que ainda hoje participa das estratégias de sujeição dos povos pretos precisa conectar-se com a terra, com as gentes negras e assim realizar o desbloqueio cognitivo e semiótico ao qual estamos submetidos. Precisamos de uma psicologia que reconheça a existência, o protagonismo histórico coletivo dessas pessoas e seus estilos de vida enterreirados, uma psicologia capaz de cuidar das crianças e jovens nas escolas, das pessoas na saúde coletiva e que têm no SUS o seu plano de saúde. Cuidar no sentido não apenas de tratar os sintomas das enfermidades, senão, mais importante que tudo, o de aumentar sua potência, como parece dizer Espinosa, e aumentar a força de vida, conforme a "Arkhé negra". Nesse momento da academia, uma psicologia feita com as lutas dos descendentes da África e dos povos indígenas, uma psicologia aterrada está se fazendo.

Palavras-chave: Pessoa enterreirada; psicologia aterrada; antirracismo.

Black protagonism and a grounded psychology

Abstract: At the fork the warrior went to the left path that led him to the quilombo, the free zone, to the forest. The struggle of the black man thus follows the path of ancestry. The psychology that still participates today in the strategies of subjection needs to connect with the earth, with the black people and thus perform the cognitive and semiotic unlocking to which we are submitted. We need a psychology that recognizes the existence, the collective historical protagonism of these people and their buried lifestyles, a psychology capable of caring for children and young people in schools, of people in public health and who have in the Sistema Único de Saúde (SUS) their health plan. Caring in the sense not only of treating the symptoms of diseases, but more importantly, of increasing its potency, as Espinosa seems to say, and increasing the vital force, according to "Arkhé negra". At this moment of academia, a psychology made with the struggles of the descendants of Africa and indigenous peoples, a grounded psychology is being made.

Keywords: A grounded people; grounded psychology; opposition to racism.

Agradeço a Cristina Rauter e a André Martins pela organização da *I Jornada de Psicologia Spinozista* e da mesa de tema *Spinoza, Cultura e Resistência Negra*, com Conceição Nascimento, quem muito me honra. Agradeço muito a Conceição pela sua

¹ Docente no Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFF; coordenador do Kitembo - Laboratório de Estudos da Subjetividade e Cultura Afro-brasileiro. Rio de Janeiro-RJ-BR. E-mail: abrahãosantos@hotmail.com

apresentação bela e rica, o que me faz sentir acolhido, e também pela organização desse livro.

Preciso dizer inicialmente que o movimento dessa escrita traz consigo a tonalidade da oralidade, o que o aproxima do sentido inicial das palestras da I Jornada. Esse movimento, junto de certa estratégia de fala ou de comunicação, pediu que o texto se expressasse de modo mais descritivo que analítico. Gostaria que o leitor leve isso em consideração.

Quando criança, eu costumava passar o final de semana na roça, a Fazenda Papagaio, do meu pai, Miguel José, junto do administrador e de sua família. Lembrança de dona Calu, Seu José e seus quatro filhos; uma das moças era Jussara e a outra não lembro o nome; os dois garotos eram José e Miguel, ambos próximos da minha idade. Meu irmão mais velho, Gutemberg, era frequente companheiro das jornadas na roça. Depois do trabalho na plantação de cacau, do roçado, do cuidado com os animais ou da pesca, chegava o fim da tarde, a escuridão tomava conta do tempo e aparecia no terreiro o pisca-pisca dos vaga-lumes. O breu mais intenso deixava-nos ver a nuvem de luzes verdes dos pirilampos, o encantamento. Uma piscava aqui, outra ali, mais uma acolá; forte ou mais fraca, no alto, no baixo, ao lado, perto e longe. Quase nunca conseguíamos ver o trajeto do vaga-lume entre uma piscada e outra. Entretanto, toda aquela variação de luzes e pretume em movimento era o efeito da nuvem de vaga-lumes, com conexão, pertencimento entre aqueles variados efeitos e unidade. O que apresento aqui tem um tanto da consistência de uma nuvem de vaga-lumes.

Pois bem, as variadas linhas que vou escrever colocam questões que, quando as aprendemos como "nuvem", suas conexões tornam-se apreensíveis. Na verdade, desde que comecei a mergulhar nos estudos das questões da racialização no Brasil e dos processos da resistência negra na diáspora, a partir da psicologia, em conexão com o que eu aprendia na casa de candomblé angola-congo, com os ensinamentos de Tata Luazemi Roberto Braga, tive dificuldade em agrupar pontos e temas de discussão e em traçar linhas ou planos de trabalho, dos curso na universidade, das palestras e até mesmo da escrita de artigos, de maneira que as conexões entre as variadas passagens se colocassem de modo integralmente explícito. A memória da nuvem piscante de vaga-lumes pode ajudar a dar como “base de compreensão” para essa variação de elementos cognitivos trazida pela questão racial.

Conceição Nascimento, minha companheira da mesa Spinoza, Cultura e Resistência Negra, diz que os negros portam a memória viva de um outro possível mundo

e que a República dos Palmares, dos anos de 1595 a 1695, tem um significado também para outros grupos sociais. Conceição traz o quente da questão racial: resistência, esperança e re-existência, protagonizadas por grupos da diáspora africana e ameríndia, negros e indígenas, e que se oferecem como perspectiva para todos e todas.

De onde eu venho: minha família vem da grande travessia do Atlântico em navios tumbeiros, de África para Pindorama e vem também dos povos que aqui já estavam, de travessias anteriores. Foi Tateto Luazemi quem me inscreveu no candomblé angolacongo, portanto na linhagem e descendência dos povos vindos da África Central. Essa inscrição me trouxe o sentido de parentesco e pertencimento ao grupo dos falantes de diferentes idiomas bantu, sobretudo o kimbundo, o kikongo e o umbundo, entre outros idiomas. A similaridade entre as línguas irmãs tornou possível aos negros, no século XIX, na região do sudeste brasileiro, conforme Robert Slenes, "a formação de uma identidade bantu"² (Slenes, 2019, p. 54), distinta, no entanto, de todas as suas origens africanas. Passar a participar dessa família e de sua identidade diaspórica bem colocada foi verdadeira cura para certo sentimento de "banzo" ou de estar deslocado no mundo.

Para os povos kongo e os demais falantes de idiomas bantu e os que deles seguem em diáspora, a existência é constituída como Força, *Ntu*, *Nguzo* (o *Axé*, para os povos iorubanos), a força vital. "A força vital é o ser mesmo"³ (Tempels, 1948, p. 35, tradução minha) em contínuo e permanente transformação, fazendo-se na troca com outras forças. Nos vários terreiros que visitei, a vida e a existência se dão por essa concepção do Ser-Força-Sendo e da troca pela qual as participações são ganhadoras, porquanto a Força se realiza em graus variáveis ou aproximativos, o que permite escapar da dicotomia ser - não ser.

Esse tipo de concepção gera o oposto do que o quilombola Antônio Bispo chama de "cosmofobia" (Santos, A. B., 2015, p. 31), o medo do mundo e da natureza em sua profusão de variedades e sensações; o medo do que não se compreende, do que é estranho e gera a fuga do mundo sensível e do encontro. O que resta do encontro é apenas o conceito. Piaget via na natureza inicial do humano, na criança, o "egocentrismo" cognitivo; Freud, já antes, havia estabelecido o sentido de que o ser humano não apenas teme o que desconhece mas o nega e o expulsa (*verdrangung*, *verwerfung* e *verleugnung*).

² Slenes, R. "Malungu ngoma vem!" África coberta e descoberta do Brasil. In: Revista USP. São Paulo: Universidade de São Paulo, Superintendência de Comunicação Social, n. 12, 1992, pp. 48-67. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575/27317>. Acesso em: 2 abr. 2021.

³ Tempels, P. La philosophie bantoue. Paris: Présence Africaine, 1948.

Esses conceitos são concebidos em uma sociedade que toma o estranho e o estrangeiro como perigoso e indesejável, como ocorre desde o berço das cidades-estados-modelos dos europeus, Atenas e Roma.

As sociedades congo-angola e suas extensões diaspóricas têm uma cosmovisão topologicamente distinta, pois, aqui, o estrangeiro e a natureza em sua diversidade de vibrações e frequências, inclusive as desconhecidas, compõem as comunidades e as pessoas e lhes dão sentido, destino, caminho e território (ou terreiro), necessários e importantes para o crescimento da Força-Ser.

Conceição Nascimento, que me precedeu, cita Espinosa: há sempre uma força maior que outra força. Ora, a força completa e ilimitada, para o povo de terreiro, tem vários nomes e um deles é Kalunga: "Uma força de fogo completa em si mesma [...]"⁴, dizia Fu-Kiau (*apud* Santos, T., 2019, p. 21), que explodiu dentro do vazio, *mbûngi*, e tornou-se fonte de vida na Terra e símbolo de força, vitalidade, processo e *princípio de mudança*⁵ (Fu-Kiau *apud* Santos, T., 2019, p. 22, grifo meu). Kalunga é a força interminável e ilimitada que compõe todos os mundos. Na noção da Força-Ser dos povos bantu, a existência acontece como transformação e tem como fonte a energia inesgotável de Kalunga, o Oceano, signo do ilimitado.

Semanas atrás, eu estava numa festa para uma pombagira, que é uma vibração importantíssima na labuta das mulheres negras e da periferia, e das pessoas LGBTQIA+. Encorpada no mestre da casa, Roberto Braga, a entidade foi vestida e anunciou sua chegada: "Eu sou Maria Mulambo da Kalunga". Os presentes a ouviram extasiados com a memória que ali sobrevinha. E assim Maria Mulambo nos lembra e nos ensina a origem da força corpóespiritual, da frequência ali presente, do mundo sagrado, da natureza sagrada, como diz e canta o mestre indígena seu Cecílio Xukuru⁶ (Santos, T., 2019). Uma consequência indicada na palavra corpóespirito é a não dissociação entre mente e corpo. O babalorixá Sidnei Nogueira (2020) se referia a uma ciência feita por atalho, essa que não sabe o que fazer quando o corpo se expressa como espírito, quer dizer, como sujeito

⁴ Santos, T. A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/publico/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf. Acesso em: 2 abr. 2021.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Santos, T. *Op. Cit.*, 2019.

de si ou como sujeito-grupo-coletivo, ou como pessoa enterreirada, como energia, e não como objeto. Essa ciência feita na dicotomia, por atalhos, nos traz inúmeros problemas⁷.

Essa "dinâmica espiritual" apresenta, no dia a dia de um terreiro de candomblé, a filosofia ou ontologia do *ntu*, da Força ou o "ser-sendo"⁸, conforme Malomalo (2019, p. 78). O termo Ser vem no esforço do necessário diálogo com a filosofia ocidental.

Quando fui visitar os Xukuru do Ororubá, no sertão de Pernambuco, vi que têm casa, carros, usavam óculos, celulares, falam português e não mais guarani. Contudo, são Xukuru. Pois bem, não é necessário usar lança, nem tanga, nem falar kimbundu, para ser um guerreiro angola-congo na guerra que está acontecendo no interior das universidades, desde a política de cotas. É como homens e mulheres de descendência dos povos de idiomas bantu que estamos aqui, nos *campi* universitários, na luta pela sobrevivência, pela existência e contra o projeto de extermínio ainda em voga, que vem desde a invasão a Pindorama, em 1500. Quero pegar dois motes, como vaga-lumes piscantes na nuvem, para avançar na reflexão:

Um: "para Spinoza, quanto mais encontros fizermos mais potentes seremos", diz a chamada desse evento.

Outro: sentados em círculo na escola na Aldeia de São José, dos Xukuru do Ororubá, no sertão de Pernambuco, com seu Sebastião Xukuru e Fernando Rodrigues, seu Cecílio Xukuru rememora os acontecimentos que prepararam as retomadas, nos anos 1980: a disputa do cacicado, a intriga com a FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e a chegada de Xicão Xukuru. Xicão logo disse: "quem demarca a terra é índio, não é a FUNAI". Essa conversa é um ensinamento, uma piscada de luz na nuvem, o modo das pedagogias indígenas que acontecem em rodas de conversa: a primeira retomada dos Xukuru é a da consciência de sua própria força e de sua missão. Trazendo a lição para o caso do povo negro vindo de África, a primeira Retomada é a da nossa identidade, da Consciência Negra, do sentido em nós da Força-Sendo de que nossos corpos e nossas comunidades são memória e guardiães.

Então, quero partir desse ponto: o encontro que é necessário fazer para aumentar nossa potência de ação é o encontro de nós *com nós* mesmos, o encontro que aumenta a

⁷ Nogueira, S. [Participação no seminário]. In: Questões ambientais: desafios contemporâneos. Seminário do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF. [S. l.]: PPGPsi UFF, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/ppgpsi.uff/videos/629558561039631>. Acesso em: 2 abr. 2021.

⁸ Malomalo, B. Filosofia africana do Ntu e a defesa de direitos biocósmicos. In: Problemata. João Pessoa: UFPPB, v. 10, n. 2, 2019, pp. 76-92. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49144/28609>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Força. A Força nos permite reelaborar existencialmente a vivência na desgramura, na desgramatura (vivência desgramada da diáspora) imposta violentamente aos que vieram de África e aos que já estavam na terra, mas essa questão do modo do sofrimento das pessoas pretas e indígenas, acossadas pela racialização, será desenvolvida em outro artigo. Temos aí uma versão da expressão favelada: "é nós"; ou dessa outra expressão: "Ninguém dá nada pra nós". Me lembra o filme "Nóis por nós"⁹, dirigido por Aly Muritiba e Jandir Santin (de 2017, mas lançado em 2020). Esse filme indica uma tendência no cinema brasileiro na qual surge uma força que não é tão propalada na metafísica do individualismo ocidental, a força das comunidades. Como se vê bem em Bacurau¹⁰, de 2019, de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Em suma, são encontros para aumentar a memória dos saberes e das piscadas da luz negra das lutas; a memória que precisamos afirmar e desenvolver para um dia proceder ao esquecimento do terror racial.

Nas concepções indígenas e negras, a "força de vida", a vida ela mesma, ou toda a existência, em suas mais variadas modalizações, energias ou vibrações se dá em comunidade. Na concepção do sociólogo nigeriano Akiwowo, por exemplo, não apenas no princípio universal da criação, *asuwa*, tudo vive em comunidade, mas ainda, da comunidade tudo nasce¹¹ (Akiwowo, 1986). Como seria trabalhar esse conceito-princípio com os afro-indígenas em diáspora, que chegam para receber a atenção na saúde pública, no Sistema Único de Saúde (SUS), por exemplo; ou o trabalho pedagógico de crianças e jovens nas escolas; ou o trabalho na assistência junto ao sistema jurídico e ao sistema carcerário? Não se trataria, creio eu, de produzir encontros entre indivíduos, os grupos operativos, à moda da psicanálise e suas congêneres; seriam encontros das pessoas com suas comunidades, com seus aldeamentos, aquilombamentos, pertencimentos, linhagem; seriam encontros de ativar a memória do enterreiramento da Força-Ser.

A abordagem de uma psicologia espinosista para o povo negro e indígena poderia partir da questão: como os negros, no Brasil, puderam resistir? Como mantiveram sua existência e seus estilos de vida? São questões *suleadoras* estas. Como mantiveram a conexão com a força de vida, o *nguzo*, o *ntu*, com seus antepassados, sua memória. com

⁹ Nóis por nós. Direção: Aly Muritiba e Jandir Santin. Produção: Antônio Jr, Marisa Merlo e Chris Spode. [S. l.]: Olhar, 2017. DCP (89 min), son., color.

¹⁰ Bacurau. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd, Michel Merkt. [S. l.]: CinemaScópio, SBS, 2019. 1 DVD (130 min), son., color.

¹¹ Akiwowo, A. Contributions to the sociology of knowledge from an african oral poetry. In: International Sociology. [S. l.]: ISA, v. 1, n. 4, 1986, pp. 343-358.

sua história de protagonismo coletivo, como mantiveram a esperança? Esse suleamento vem do que aprendi dentro do terreiro de Tata Luazemi, pois na universidade só aprendi coisas equivocadas e enfraquecedoras sobre os povos negros.

Certo dia, um vento entrou pela janela e me contou como começou a luta. Uma sacerdotisa de *Ndandalunda*, a cachoeira e a água fresca, a vibração da vida uterina e do amor, consagrada no filme *AmarElo: é tudo pra ontem* (2020)¹², com Emicida, fez a travessia atlântica, depois de ser sequestrada em sua aldeia. Instruída por sua mãe *Ndandalunda*, ainda no mercado de venda dos capturados, a sacerdotisa mirou um homem negro à distância e a força de sua mensagem lhe transmitiu *Mpampu Nzila*. O guerreiro entendeu imediatamente o que deveria fazer. Quando, na fazenda, esperou o momento da distração da vigilância e, tão logo pôde, saiu em disparada em direção à capoeira. Porém, sem demora o capitão do mato correu ao seu encalço. O guerreiro não podia olhar para trás para não perder um único segundo, nem o fôlego da carreira. Já ouvia os guizos do trote da mula, quando avistou a bifurcação. Ali o senhor dos Caminhos, *Npambu Nzila* o espera. *Nzila* colocou na virada um toco de pau. Na cabeça da forquilha o guerreiro não sabia se deveria seguir para a esquerda ou para a direita. A mula do chefe da milícia rural ia tornar-se visível quando o guerreiro tropeçou no toco de madeira e caiu para a esquerda, dentro da moita espessa. Mais à frente, o vento sopra, balança os arbustos do caminho da direita, chamando o capitão do mato que segue por ali. O homem negro agradece: "*Nzila Nzambi*". Levanta-se e segue para a mata onde terá liberdade, encontrará os povos da terra e começará a nova morada, o quilombo, a aldeia. Mais que depressa o guerreiro vai buscar a companheira filha da beleza de *Ndandalunda*, que lhe inspira.

Como diz a memória, nossa missão e luta é dada pela ancestralidade. A resistência negra bantu e indígena é possível e é garantida nos valores da ancestralidade, dos antepassados e na cosmopercepção da natureza como fonte ilimitada da Força que cria o possível e o impossível e tudo que veio antes de nós e que é condição da nossa existência. Os ancestrais e protetores, os seres encantados, os *minkisi*, os *bakulo*, estão na luta com sua gente. Leda Maria Martins diz que “a ancestralidade é um modo filosófico diverso de experimentar o mundo, de saber sobre o mundo e de experiência no e com o mundo” (Martins, L. M., 2019). Nessa filosofia de mundo, uma das bases da existência é o cuidar do presente e também

¹² *AmarElo: é tudo pra ontem*. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. Streaming (89 min), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 2 abr. 2021.

do futuro, dos que virão, com as ferramentas e saberes que nos legaram. De modo que passado presente e futuro estão amalgamados na existência em uma temporalidade que se desdobra.

Para nos reaproximar de nossa potência, é necessário nos reaproximar de nossa memória, da história de nossa gente. Assim esqueceremos, um dia, o trauma.

O encontro com nós mesmos, povos da diáspora africana e indígena no Brasil, requer um encontro dos saberes de nossas lutas, da história de nossa resistência, de como mantivemos a esperança e do que tornou possíveis as insurgências na senzala e a formação de zonas livres e de comunitarismo que são os quilombos, como modos de vida contracolonial. Isso suscita uma renovação cognitiva e semiótica, quer dizer, precisamos de uma rede de conexões de signos que expressam as macro e as micro insurgências concretas dos povos pretos em prol do direito de existir. Signos são valores, antepassados, forças, direções, fatos, energias, vibrações, Força de Vida, *nguzo*, *ntu*, *axé*. A psicologia que ainda hoje participa das estratégias de sujeição dos povos pretos precisa conectar-se com a terra, com as gentes negras e assim realizar o desbloqueio cognitivo e semiótico ao qual estamos submetidos e a abordagem da ancestralidade pode ser um caminho firme para o desbloqueio semiótico e a aproximação com uma semiótica aterrada nos problemas da diáspora. Com nossos antepassados, com nossos *minkisi*, com a pamba, nada nem ninguém mantém o bloqueio.

Para os povos da diáspora angola-congo, a comunidade é prévia à pessoa. Daí a pregnância do coletivismo ou, mais precisamente, do comunitarismo negro espalhado nas famílias, nas favelas, na periferia, onde os diaspóricos estão, ainda que sob maltrato da violência da produção da riqueza e do gozo, desde o colonialismo escravista até os dias atuais. Não é apenas por viver na pobreza, no abandono do Estado brasileiro, sob sistêmica violência racial que esses grupos sociais se aquilombam e "familiarizam" as relações de amizade, de ajuda e de cuidados, de trabalho e de parcerias mais diversas, mas porque carregam saberes dos antepassados. Chamar de tia a diretora e as professoras da escola é conforme o hábito de chamar de mãe a água das cachoeiras e dos mares ou de irmão e irmã qualquer um que se apresente no encontro, mesmo um desconhecido ou estranho. Tia ou mãe são, no estilo de vida negro, as pessoas mais velhas que cuidam, são autoridade. Esses chamados revelam que a criança e o jovem estão respondendo a uma hierarquia de uma semiótica. A psicologia chega a falar de coletivo, mas o sentido da vida marcada como comunidade ainda não encontrou; e, por ainda não perceber a alma, a cultura não folclorizada e que os pretos são agentes históricos da resistência, não se deu conta ainda que em nós a palavra *família* não se restringe à relação pai-mãe-filhos,

biológica ou adotiva. O sentido de vida como necessariamente comunitária da família negra permanece, mesmo nas famílias de classe média, pois inclui avó e avô, tia e tio, primo e prima, e os aderentes.

Dado o contexto da emergência das noções de sujeito, subjetividade e de subjetivação, construídas no plano de problemas da formação do mercantilismo europeu, do capitalismo, da modernidade, do iluminismo, do liberalismo ou neoliberalismo e suas insurgências, é preciso se perguntar se estas noções escapam do poder de atração do cartesianismo, quer dizer, dessa realidade que é um eu que pensa o mundo como outro; que outrifica o outro e, no mesmo movimento, nega-o, expulsa-o, recusa-o e o foraclui¹³. São noções com base no reinado do surgimento do indivíduo ocidental; o indivíduo separado e isolado das referências comunitárias, o indivíduo aturdido. A junção dessas subjetividades, quando em suas fronteiras são agitados interesses comuns, forma os coletivos.

Está nesse contexto o ataque (de intelectuais que vão da direita política aos ditos progressistas e se recusam ao debate do racismo) aos processos identitários que organizam comunidades de pertencimento. É o contexto no qual ocorre a dicotomia identidade/identitário vs. subjetivação/singularização, tomada defensivamente para dissimular a indisposição para pensar o racismo e o *apartheid* brasileiro. Nesse mesmo contexto, sobressai a formação da identidade nacional, de teor homogeneizante e fascista, dos estados europeus, e que se reproduzem no Brasil do século XIX, na construção de uma identidade nacional mestiça, a meta-raça conforme imaginou e desejou Gilberto Freyre. Os campi universitários estão cheios de grupos sujeitados¹⁴, como Guattari (1981) chamava aqueles que desenvolviam processos fóbicos-paranoides em reação às transformações sociais, agarrando-se a identidades rijas e ultrapassadas, tomados pela incapacidade de distinguir o *ethos*, *arkhé*, ou processos de formação identitária e estilos de vida.

E por isso fazemos carnaval, música, samba e dança, por isso lutamos por cotas raciais, bolsas estudantis e ações afirmativas: para contar a história que não foi contada,

¹³ Conforme Luiz Alberto Hans, “o termo Verwerfung é traduzido frequentemente por “forclusão””. Vinda do mesmo campo de conhecimento psicanalítico, usa-se o termo foraclusão, para esse mecanismo psíquico. Forclusão e foraclusão são aportuguesamentos do francês. Entretanto, “o termo alemão evoca [na língua alemã] a ideia de “descartar”, eliminar” um material rejeitado” (Hans, L. A. Rejeição. In. Dicionário comentado do alemão de Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.) O sentido que trazemos ao texto para foraclusão foi apropriado por Freud, mas refere-se a uma conotação da língua alemã, portanto tem seu sentido social, além do psicológico.

¹⁴ Guattari, F. “A transversalidade”. In. Guattari, F. Revolução molecular: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 88-105.

para trazer os saberes negros e indígenas e as lutas das nossas comunidades históricas (do passado e do presente). Para exercer e afirmar identidades insurgentes, dissidentes, que não se constituem pela forclusão do outro, pela objetificação do outro e homogeneização do eu. Nesse momento da academia, uma psicologia feita com as lutas dos descendentes da África e dos povos indígenas, uma psicologia aterrada está se fazendo, colocada em conexão com um pensamento construído comunitariamente e lentamente ao longo de milênios e desenvolvida e mantida por mestres como Tateto Luazemi Roberto Braga e muitos outros. Gente que é faxineira, empregada doméstica, pequenos comerciantes, encanadores, pedreiros e muitos desempregados ou com empregos mal pagos, moradores das favelas e periféricos. Gente guardiã dos saberes da Força, da resistência, da organização da comunidade, e responsável por manter o sentido das lutas e da ancestralidade.

Precisamos de uma psicologia que reconheça a existência, o protagonismo histórico coletivo dessas pessoas e seus estilos de vida enterreirados, uma psicologia capaz de cuidar das crianças e jovens nas escolas, das pessoas na saúde coletiva e que têm no SUS o seu plano de saúde. Cuidar no sentido não apenas de tratar os sintomas das enfermidades, senão, mais importante que tudo, o de aumentar sua potência, como parece dizer Espinosa, e aumentar a força de vida, conforme a "*Arkhé negra*"¹⁵ (Nascimento, 2018, p. 427; Sodré, 2019).

Falamos de pessoas cujo estilo de vida tem a comunidade como nuvem de cintilações e vibrações que fazem e dinamizam a existência-força. Isso é algo próprio dessa gente descendentes da África e dos povos pindorâmicos, gente de *nguzo*, de *axé*, de *ntu*.

Referências bibliográficas

Akiwowo, A. Contributions to the sociology of knowledge from an african oral poetry. In: *International Sociology*. [S. l.]: ISA, v. 1, n. 4, 1986, pp. 343-358.

AmarElo: é tudo pra ontem. Direção: Fred Ouro Preto. Produção: Evandro Fióti. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2020. Streaming (89 min), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com/br/title/81306298>. Acesso em: 2 abr. 2021.

¹⁵ Nascimento, M. B. "Por um território (novo) existencial e físico". In: Nascimento, M. B. Maria Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição. São Paulo: Ed. Filhos da África, 2018, pp. 413-450.

Sodré, M. O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

Bacurau. Direção: Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Produção: Emilie Lesclaux, Saïd Ben Saïd, Michel Merkt. [S. l.]: CinemaScópio, SBS, 2019. 1 DVD (130 min), son., color.

Guattari, F. “A transversalidade”. In: Guattari, F. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp. 88-105.

Hans, L. A. “Rejeição”. In: *Dicionário comentado do alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Malomalo, B. Filosofia africana do Ntu e a defesa de direitos biocósmicos. In: *Problemata*. João Pessoa: UFPB, v. 10, n. 2, 2019, pp. 76-92. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/problemata/article/view/49144/28609>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Martins, L. M. *Encruzilhada referencial do dramaturgo diaspórico*. Portal Melanina Digital, Ateliê de Consultoria Dramatúrgica II. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/6Kss5gRCvnY>. Acesso em 21/04/2023.

Nascimento, M. B. “Por um território (novo) existencial e físico”. In: Nascimento, M. B. *Maria Beatriz Nascimento: quilombola e intelectual: possibilidades nos dias da destruição*. São Paulo: Ed. Filhos da África, 2018, pp. 413-450.

Nogueira, S. [Participação no seminário]. In: *Questões ambientais: desafios contemporâneos*. Seminário do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFF. [S. l.]: PPGPsi UFF, 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/ppgpsi.uff/videos/629558561039631>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Nóis por nós. Direção: Aly Muritiba e Jandir Santin. Produção: Antônio Jr, Marisa Merlo e Chris Spode. [S. l.]: Olhar, 2017. DCP (89 min), son., color.

Santos, A. B. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Brasília, DF: INCTI/UnB/CNPq, 2015.

Santos, A. O. (org.). *Saberes plurais e epistemologias aterradas: caminhos de pesquisa na psicologia e ciências humanas*. Niterói: EdUFF, 2020. Disponível em: http://www.eduff.uff.br/ebooks/Saberes_plurais_e_epistemologias_aterradas.pdf. Acesso em: 2 abr. 2021.

Santos, T. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8160/tde-30042019-193540/publico/2019_TiganaSantanaNevesSantos_VCorr.pdf. Acesso em: 2 abr. 2021.

Slenes, R. "Malungu ngoma vem!" África coberta e descoberta do Brasil. In: *Revista USP*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Superintendência de Comunicação Social, n 12, 1992, pp. 48-67. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25575/27317>. Acesso em: 2 abr. 2021.

Sodré, M. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2019.

Tempels, P. *La philosophie bantoue*. Paris: Présence Africaine, 1948.

Recebido em 06/02/2023

Aprovado em 03/05/2023